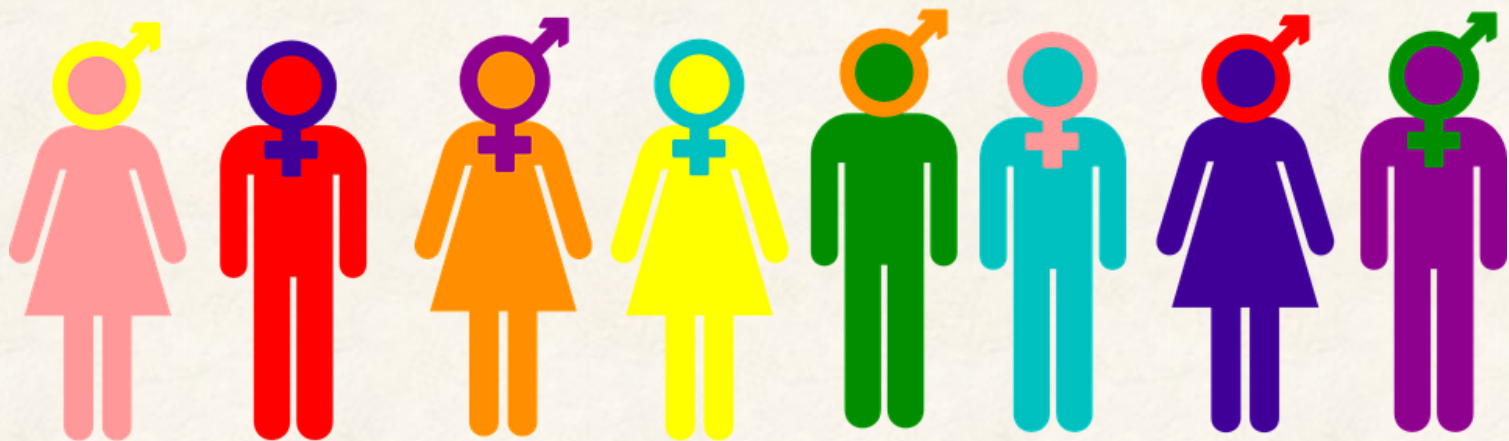


QUEER

Uma teoria deslocada

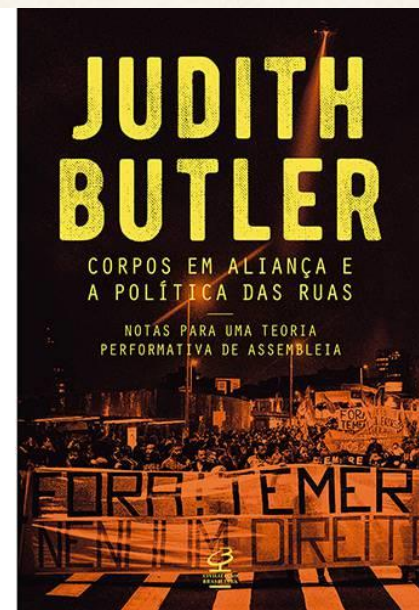
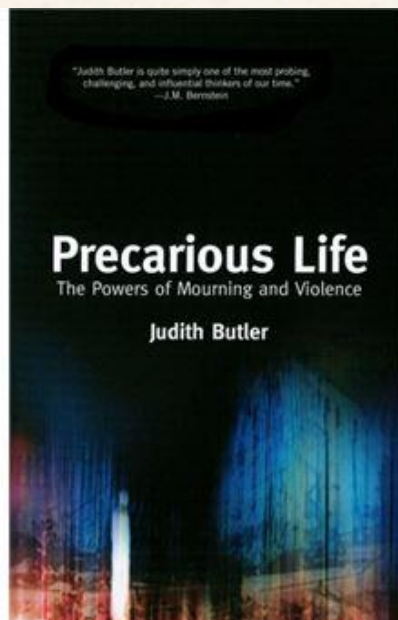
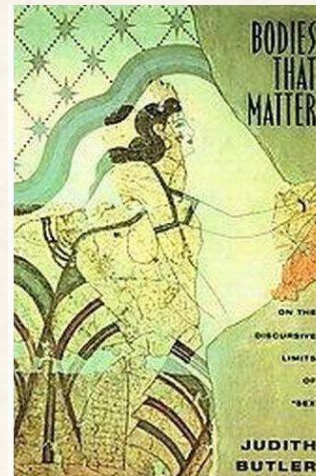
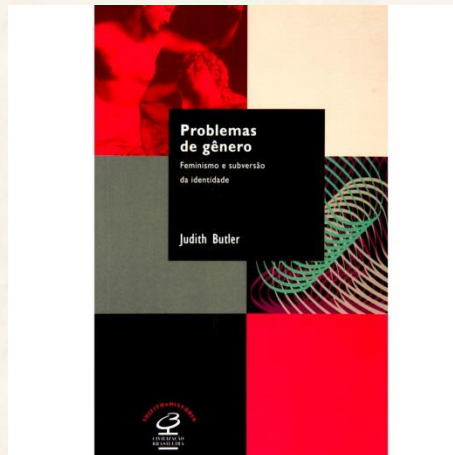


- **A teoria queer surgiu como argumento político e contestatório ao movimento assimilacionista de gays e lésbicas norte-americano, mas, sobretudo de gays, aos impactos sociais da AIDS.**
- **O que começou como uma discussão interna no movimento, foi sendo sistematizado em linhas argumentativas que geraram um importante cabedal conceitual e teórico que desestabilizou a ideia de estudos de “minorias” e da sexualidade como um aspecto tangencial das dinâmicas sociais.**

- **As políticas de liberação gay conseguiram o reconhecimento de certos direitos civis e também ganharam visibilidade no mercado econômico.**
- **Houve certamente um avanço nas problematizações, mas o caráter naturalizador e essencialista ainda estava presente, além de que muitas comunidades gays começaram a criticar condutas sexuais e políticas que fugiam da normalidade.**

- **Críticas foram feitas, além do caráter naturalizador e essencialista, aos grupos de gays, lésbicas e feministas**
- **As problematizações e enfrentamentos se baseavam nas realidades de sujeito(a)s da classe média e branca**
- **Deixavam de lado questões relacionadas à raça/cor, classe social, desejos e práticas sexuais.**
- **As problematizações eram realizadas em cima de sujeito(a)s que de alguma forma estavam na “norma” e muito(a)s eram esquecido(a)s.**

- **A teoria Queer passa a problematizar os discursos identitários, que em suas bases eram e são excludentes e assim se contrapondo aos regimes normativos.**
- **Quando os estudos queer chegaram ao Brasil não entraram pela via das demandas e debates dos movimentos sociais, como nos Estados Unidos, mas pelas portas da academia. Chegaram aqui por meio da literatura dura e desafiante de Judith Butler.**



- **Os estudos queer começam a ser referenciados no Brasil em meio ao fortalecimento de políticas identitárias**
- **Uma teoria que se proclamava como não-identitária parecia potencialmente despolitizante.**
- **Não tardou para que algumas lideranças do movimento LBGT brasileiro, muitas delas formadas na militância da luta contra a aids, se pronunciassem contra “os queer”.**

- **O queer, como pensamento crítico, se propõe justamente a desafiar as identidades, não por niilismo, e sim a fim de promover uma profunda revisão teórica e política.**
- **Questiona não os sujeitos que “encarnam” identidades, mas a ordem social e cultural que as constituiu como aceitáveis e normais ou abjetas e patológicas.**

- **Trata-se, portanto, de operar a partir da desconstrução como método capaz de nos dar pistas de como alguns discursos chegam a instituir verdades sobre comportamentos, corpos, pessoas, instituições;**
- **A sexualidade é utilizada como base legitimadora da ordem social, da produção das diferenças e desigualdades,**
- **Suporte dos discursos proferidos pelo(a)s dominantes (classe média e alta, heterossexuais, branco(a)s, homens), pois estabelecem normas para dominarem.**

- **A famosa frase de Simone de Beauvoir, ajuda a pensar dessa forma, “não se nasce mulher, torna-se uma”, o que por extensão, também podemos afirmar que não se nasce homem, tão pouco homossexual, heterossexual, bissexual ou qualquer outro atributo que reduza o ser humano a uma identidade fixa e totalizada.**
- **Com isto o sistema sexo/gênero é como se formam as mulheres (estereótipos do que é ser mulher - ser delicada, educada, cuidadora do lar, entre outros) e os homens (macho, que não tem medo de nada, sustenta a família, entre outros);**

- **Rubin (1975) anuncia que o *sistema sexo/gênero* serve como um dispositivo para controlar e disciplinar as pessoas, cristalizando e normatizando.**
- **Os Discursos *Queer* surgiram problematizando e fazendo críticas as políticas identitárias, pois negam o caráter natural da identidade (antiessencialista) com seu caráter fixo e estabelecido, Deste modo, colocam as pessoas como construções sociais que estão sempre abertas e em constantes transformações;**

- **As identidades são produzidas socialmente, historicamente e geograficamente, no entanto juntamente com a diferença a identidade tende a ser naturalizada, dadas como algo que sempre existiu e que deve continuar.**
- **A identidade parece ser positivada como “aquilo que sou”, no entanto traz uma lista extensa de negações, “aquilo que não sou”.**
- **Sendo assim, é fundamental para a perspectiva *Queer* a desnaturalização das sexualidades e dos gêneros;**

- **Assim, a noção de identidade pressupõe uma relação de semelhança com determinado modelo que é imposto, seja pela família ou sociedade, assim esquece-se que possa existir as mais variadas diferenciações e se nega os diversos tipos de masculinidades e feminilidades.**
- **Entendemos que a noção de identidade pressupõe uma semelhança essencial com algo que é imposto como igual, criando pessoas não pensantes, alienadas até e principalmente em seus desejos, ou seja, uma imposição de como se deve “ser” e “desejar” em sua existência;**

- **A noção de identidade pressupõe uma relação de semelhança com determinado modelo que é imposto, seja pela família ou sociedade, assim esquece-se que possa existir as mais variadas diferenciações e se nega os diversos tipos de masculinidades e feminilidades.**
- **A noção de identidade pressupõe uma semelhança essencial com algo que é imposto como igual, criando pessoas não pensantes, alienadas até e principalmente em seus desejos, ou seja, uma imposição de como se deve “ser” e “desejar” em sua existência;**

- **Ao colocar em xeque as coerências e estabilidades que, no modelo construtivista, fornecem um quadro compreensível e padronizado da sexualidade, o queer revela um olhar mais afiado para os processos sociais normalizadores que criam classificações, que, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares.**
- **Judith Butler (2003) já assinalava que as reificações de gêneros e identidades cristalizam hierarquias e alimentam relações de poder, o que normaliza corpos e práticas, reproduzindo privilégios e exclusões. Essa normalização das identidades – e sua consequente opressão – define padrões de comportamento rejeitando as diferenças.**

- **As identidades são, para Judith Butler, normalizadoras, pois fixam e reificam “papéis sociais”: homem, feminino, masculino, negro, branco etc., perpetuando e reproduzindo subordinações.**
- **Conquistar direitos pode ser, em parte, ajustar-se à sociedade. Servir ao exército implica reconhecer que achamos legítima a necessidade de exércitos e implicitamente de guerras; casar pode estar levando a reificar esta forma de relação, no sentido de mostrar que é a única ou a melhor possível para se viver afetos e sexo; adotar filhos e constituir família pode levar a pensar que esses agrupamentos são de maior qualidade do que viver o sexo de modo livre.**

- **A proposta política *queer* não aponta para nenhuma divisão, antes é um apelo unificador à experiência comum de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e outro(a)s, ou seja, a experiência da vergonha.**
- **Ser chamado, leia-se, ser xingado de bicha, gay, sapatão, travesti, anormal ou degenerado(a) é a experiência fundadora da descoberta da homossexualidade ou do que nossa sociedade ainda atribui a ela, o espaço da humilhação e do sofrimento. Transformar esta experiência em força política de resistência é o objetivo da proposta original *queer*.**